

Olhólhó! Contando histórias da geodiversidade de Florianópolis

Roberta Alencar¹, Gilson Burigo Guimarães², Nair Fernanda Burigo Mochiutti³

¹*Escola Engenho, Florianópolis/SC, alencaroberta@gmail.com;* ²*Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa/PR, gilsonburigo@gmail.com;* ³*Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, fernandamochiutti@yahoo.com.br*

Palavras-chave: *Geodiversidade, Florianópolis, Divulgação das Geociências*

A formação na área de geociências nos empodera com ferramentas e responsabilidades, incluindo a possibilidade de divulgação de conhecimentos sistematizados. A partir das leituras de artigos, livros, paisagens e da própria sociedade ampliamos o saber, agregando o popular ao erudito, construindo uma compreensão do complexo Sistema Terra. Sensíveis à realidade, passamos a transformar o olhar e o cuidado pelo espaço geográfico em que vivemos, seja ele local ou global, enfatizando as relações entre os meios naturais e as decisões políticas, econômicas, artísticas e a atuação como geocientistas, adotando-se uma conduta pautada em princípios (geo)éticos. É em sintonia com valores apontados na Declaração da Cidade do Cabo sobre Geoética (DI CAPUA et al., 2017) que profissionais das Ciências da Terra devem trabalhar pela proteção da geodiversidade como um aspecto essencial ao desenvolvimento da vida, assim como também pela promoção do patrimônio geológico, numa estratégia que fortaleça o sentimento de pertencimento das pessoas pelo seu ambiente. E para o êxito destas ações, uma via particularmente promissora está em que o significado e as relações da sociedade com a geodiversidade do lugar onde se vive sejam apresentados desde o Ensino Básico.

Na capital do estado de Santa Catarina há rochas, manguezais e campos de dunas no caminho. A origem e formação desses e outros elementos da geodiversidade de Florianópolis não são temas comumente abordados na sala de aula daqueles que ensinam e aprendem na educação básica. Segundo o saber popular, as paisagens são oriundas da ação do mar. Este foi e ainda é o grande modelador das belezas naturais da Ilha de Santa Catarina e porção continental do município. Tal saber não está errado, mas incompleto. Como geocientistas, fomos então sensibilizados a compartilhar nossas leituras e vivências no livro *Um pedacinho de terra e muitas histórias para contar: a geodiversidade de Florianópolis* (financiado pelo Edital 009/2018 de Apoio às Culturas do Fundo de Cultura da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes).

Tendo como inspiração uma experiência desenvolvida coletivamente com crianças do 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (ALENCAR, 2013), esta modalidade de intervenção paradidática foi retomada em 2019. Enriquecida com ilustrações de alunos da Escola do Engenho, culminou com a transposição de saberes na forma do livro aqui apresentado (Fig. 1a), com tiragem de mil exemplares e que foi distribuído nas escolas da rede municipal de Florianópolis.

No livro, apresentamos a história geológica de Florianópolis partindo da percepção da própria vida da criança e das mudanças no seu corpo, fazendo uma relação com as alterações da paisagem. Na sequência, narramos a formação das “terras altas” do município, onde estão incluídos os maciços, costões e ilhotas, enfatizando as principais rochas que as sustentam, explorando aspectos da gênese, idades, minerais essenciais e formas de exposição na superfície. Depois falamos das “terras baixas”, correspondentes à planície costeira, com ambientes constituídos nos últimos 120 mil anos, como praias, dunas e lagoas, explicando a origem dos materiais que os compõem e os processos envolvidos na sua gênese. Neste momento abordamos as variações do nível do mar ao longo do Quaternário, eventos importantes na constituição da paisagem florianopolitana. Na segunda metade

da obra apresentamos algumas das relações entre a geodiversidade e o ser humano em Florianópolis. Começamos pela sociedade dos homens do Sambaqui e seus registros líticos, passamos pelas interferências na paisagem com a construção de aterros mecânicos e hidráulicos nas porções continental e insular do município e falamos sobre as ocupações em áreas de risco e a necessidade de cuidado e planejamento territorial.

A mensagem final fala da importância de se conhecer e valorizar a geodiversidade de onde vivemos, explorando para isso os valores propostos por Gray (2004). Adicionalmente, há um glossário para facilitar o entendimento de termos pouco usuais para as crianças. Como um extra, sugerimos um conjunto de 16 atividades de pesquisa, leitura e campo, as quais poderão ser desenvolvidas pelas crianças do 6º ano do Ensino Fundamental, público-alvo do livro, ou propostas pelos educadores interessados pela temática da geodiversidade local. Paralelo à publicação do livro, o projeto também contemplou a confecção de um marcador de páginas que apresenta o conceito de geodiversidade e a possibilidade de acessar esta publicação em formato PDF (bit.ly/umpedacinhodetera e pelo QR Code; Fig. 1b).



Fig. 1 – a) Capa do livro *Um pedacinho de terra e muitas histórias para contar: a geodiversidade de Florianópolis*; b) Frente e verso do marcador de páginas, com endereço e QR Code para acesso à versão do livro em PDF.

Referências

- Alencar R. 2013. A geodiversidade da Ilha de Santa Catarina: explorando seu valor didático no 6º ano do Ensino Fundamental. Dissertação de mestrado. Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 181 p + 5 anexos (inclui a cartilha “As rochas e suas histórias: a geodiversidade da Ilha de Santa Catarina”). Disponível em <http://tede.ufsc.br/teses/PGCN0520-D.pdf>. Acesso em 23 de julho de 2019.
- Di Capua G, Peppoloni S, Bobrowsky PT. 2017. The Cape Town Statement on Geoethics. *Annals of Geophysics*, Vol. 60, Fast Track 7, doi: 10.4401/ag-7553.
- Gray M. 2004. *Geodiversity: valuing and conserving abiotic nature*. Chichester: Wiley. 434 p.